



## CARTA CIRCULAR 001/2026

*Ele dá energia ao fraco e aumenta o vigor do extenuado.  
Os adolescentes se cansam e se esgotam, até mesmo os jovens vacilam e caem.  
Mas os que esperam no Senhor renovam suas forças, criam asas como as águias,  
correm sem cansar, caminham sem se fatigar (Is 40,29-31).*

### **ESTAI SEMPRE PRONTOS A DAR RAZÃO DA VOSSA ESPERANÇA**

Aos confrades, seminaristas, oblatos, leigos e jovens redentoristas,

Graça e Paz no Senhor Jesus Redentor!

Com a exortação do apóstolo Pedro: “estai sempre prontos a dar razões da vossa esperança” (1Pd 3,15) somos convidados a olhar as provocações do tempo presente e discernir: onde repousa a esperança de nossa consagração religiosa como missionários redentoristas? Esta interrogação não nasce do pessimismo, mas do desejo sincero de distinguir o que o Espírito está dizendo à nossa vida hoje. Não há uma resposta objetiva para essa questão. Mas, há uma convicção: o futuro da nossa esperança como consagrados não depende apenas de estratégias humanas, reorganizações institucionais ou novos métodos formativos. O futuro da nossa consagração depende, primordialmente, da capacidade de permanecer fiel ao Evangelho.

#### ***Sem utopia não há esperança***

Toda vocação nasce de um sonho, de uma paixão. Quando o religioso perde sua capacidade de sonhar, corre o risco de sobreviver apenas institucionalmente, perde a força profética. A esperança cristã nunca foi simples acomodação ao bem-estar do presente. Ela, sem fugir ou negar o presente, sempre tende para o futuro de Deus. É neste sentido que o profeta anuncia: “efundirei meu espírito sobre todo ser humano. Vossos filhos e filhas profetizarão, vossos anciãos terão sonhos, vossos jovens terão visões” (Jl 3,1).

Na origem da nossa história, há um carisma que nasceu de alguém que ousou sonhar o Evangelho vivido radicalmente. Movidos por uma “utopia evangélica” de construir fraternidade para servir aos mais pobres, anunciar a redenção, testemunhar o Reino de Deus. Ao perguntar pelo futuro da nossa esperança, precisamos recuperar esta utopia evangélica de modo ativo e criativo. Sem criatividade fiel, não há futuro para nossa consagração.

Importante destacar que criatividade aqui está necessariamente suportada na fidelidade ao Evangelho e ao carisma congregacional e não mera adaptação superficial às modas do tempo como alguns podem pensar. A fidelidade verdadeira não permanece na superficialidade das coisas e nem se confunde com repetição mecânica do passado; ela é

capacidade de gerar vida nova a partir das raízes do carisma que herdamos de nosso pai fundador, Santo Afonso.

### ***O que é palha e o que é grão?***

Uma metáfora profundamente evangélica pode iluminar nossa reflexão: o grão e a palha. Toda tradição carismática carrega riquezas e, também, estruturas que envelhecem com o tempo. Nem tudo o que recebemos como herança possui o mesmo valor evangélico. Há elementos essenciais dos quais não podemos abrir mão porque são inegociáveis e há outras formas históricas que são transitórias. O exercício do discernimento cristão nos faz perguntar: o que nessa herança é palha e o que é grão?

João Batista enquanto pregava no deserto dizia: “Ele limpará sua eira, recolherá o trigo no celeiro, mas queimará a palha no fogo” (Mt 3,12). Discernir a “palha” e o “grão” exige coragem. Há estruturas, costumes, modelos de autoridade, formas de organização e até certas práticas comunitárias que talvez já não comuniquem vida e nem Evangelho. Por outro lado, existe o “grão”. Este é o núcleo vivo do carisma, a paixão missionária, a fraternidade, a mística, o amor e a centralidade de Cristo Redentor, o cuidado dos mais pobres. A palha precisa ser queimada e o grão plantado. O grande risco que corremos é queimar o grão e plantar a palha.

Se queremos um futuro para nossa esperança como consagrados ao Redentor, o grão precisa ser lançado na terra da realidade onde vivemos para florescer novamente. Jesus ensina que “se o grão de trigo que cai na terra não morre, fica só, mas se morre, produz muito fruto” (Jo 12,24). Talvez, para nós, este seja um tempo de “morte fecunda”: há perdas necessárias, purificação no modo de viver nossa consagração, revisão institucional, perda de seguranças. É uma “morte fecunda” porque este é, também, um tempo de nova fecundidade carismática. Esta é uma interrogação a ser feita pessoal e comunitariamente: o que em mim e em nós é palha a ser queimada e o que é grão a ser plantado?

### ***A nossa utopia: dar a vida pela Copiosa Redenção***

Em nossa tradição redentorista, a utopia da nossa consagração é sintetizada numa expressão profundamente inspiradora: *dies impendere pro redemptis*. Isto é, gastar os dias/vida pela copiosa redenção. Por isso, no centro de nossa identidade não está posta uma busca de viver para nós mesmos, de salvar a “própria pele”, mas viver, ou melhor, gastar a vida em prol da redenção, viver para a missão. Às vezes, temos a triste sensação de que as estruturas, os lugares e os ofícios parecem ter primazia em detrimento do anúncio da abundante redenção de Deus.

O tempo presente precisa de consagrados capazes de criar proximidade para vencer as distâncias humanas, afetivas e espirituais. Inclusive dentro de nossas casas religiosas, se não for possível eliminar, ao menos diminuir os abismos; reaprender a arte

da escuta: acolher os clamores, os sofrimentos e esperanças do outro. A escuta não nos deixa indiferentes; mover-se pela compaixão; cultivar a simplicidade evangélica que nos liberta da tentação do poder e do prestígio. Somente assim será possível recobrar nossa utopia como missionários da Copiosa Redenção.

### ***Mística e profecia***

Sem mística, a nossa consagração religiosa perde o seu sentido. Sem profecia, perde a força da missão. A mística não é fuga da realidade. É paixão por Cristo e cuidado com humanidade. A mística nasce da experiência profunda do encontro com Jesus Redentor. Antes de qualquer atividade, planejamento ou questões estruturais, precisamos cuidar do mistério, preservar no coração o primado de Deus e a centralidade do seu Reino. Neste sentido, não nos contentemos com a superficialidade, pelo ativismo e pelos excessos sem causas profundas. Precisamos constantemente redescobrir o silêncio, oração, escuta da Palavra e contemplação do agir de Deus na nossa história. Perdemos nossa identidade quando nos distanciamos dessa fonte interior. O próprio Jesus retirava-se para o deserto, lugar de silêncio para rezar e assim nos revelou que toda missão nasce da intimidade com o Pai (cf. Mc 1,35).

Caríssimos, mantenhamos viva a consciência de que não basta “fazer”. Nossa vocação não é somente uma obra humana, ela é uma resposta à iniciativa de Deus que continua a chamar e enviar. Por isso, tudo que fazemos é por fidelidade a Cristo Redentor. Nossa missão nasce da capacidade tornar presente no mundo o rosto misericordioso de Deus. Quando não cuidamos dessa relação de intimidade com Deus, perdemos a profecia, nossa missão se reduz a “fazer coisas” sem saber as razões mais profundas que nos movem a fazê-las. Assim, nosso modo de viver já não questiona mais a lógica do individualismo, da busca desenfreada pelo poder e da indiferença. Ao contrário, entramos nessa mesma lógica. A profecia da nossa vida nasce justamente do reconhecimento de que nossa consagração não aponta para si mesma, mas para Cristo e o seu Reino. Colocar Cristo e o seu Reino acima dos nossos interesses pessoais, econômicos e institucionais é o grande apelo do Evangelho: “buscai em primeiro lugar o Reino de Deus” (Mt 6,33).

### ***Conversão contínua***

Um elemento central na vida cristã e na espiritualidade redentorista é a conversão. Um missionário redentorista envelhece perigosamente quando perde a capacidade de aprender, rever-se e converter-se. Cada um de nós precisa entrar no dinamismo contínuo de transformação interior, deixando-se moldar pelo Evangelho que continua a interpelar: “convertei-vos e crede no Evangelho” (Mc 1,15). Sem essa disposição interior de transformação, um religioso corre o risco de tornar a sua vocação uma mera rotina ou função institucional. E, claro, isso traz cansaço e desânimo para si ou para outrem. Em

cada um deve ressoar o apelo do apóstolo Paulo que diz: “não vos conformeis com as estruturas deste mundo, mas transformai-vos pela renovação da mente” (Rm 12,2).

Esse itinerário de conversão contínua nasce de uma profunda “sede de Deus”, de uma sincera busca de sentido para o que somos e fazemos: “se alguém tem sede, venha a mim e beba” (Jo 7,37). Somos, muitas vezes, duramente atingidos pelo ativismo, as exigências da missão, pressões da sociedade, uma busca desenfreada por “resultados” que podem enfraquecer nossa comunhão com Deus e com os irmãos, nossa vida interior e perder o essencial de nossa escolha vocacional. O cardeal José Tolentino diz uma expressão que ilumina essa reflexão:

“A pior coisa para um crente é estar saciado de Deus. A vida espiritual, na rotina das suas expressões, torna-se uma dose suficiente e tornamo-nos conformistas, não queremos mais. Dizemos para conosco: já fomos ao templo, já subimos a Jerusalém, já rezamos, já oferecemos o sacrifício, e isso nos desobriga dos encontros fundamentais com a fantástica e desconcertante surpresa de Deus... um crente não é aquele que está saciado de Deus; o crente é aquele que tem fome e sede de Deus. A experiência da fé não é para resolver a sede, mas para ampliá-la, para dilatar o nosso desejo de Deus, para intensificar nossa busca”<sup>1</sup>.

Não deixemos que cesse em nosso coração a inquieta busca pelo Senhor: “a minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo: quando hei de ver a face de Deus?” (Sl 42,3). Sem essa busca constante, nossa missão perde o sentido e não se sustenta a nossa esperança em tempos de crise e travessia.

Importante recordar que conversão passa pela maturidade humana. Não há verdadeira conversão sem disposição de rever atitudes, curar fragilidades, amadurecer afetivamente e aprender a viver com os outros como adultos na fé. Nossas Constituições apontam que a vida fraterna é um dos lugares mais concretos da conversão contínua porque nela somos chamados ao diálogo, à escuta, ao perdão, à paciência e até mesmo ceder em algumas convicções secundárias (cf. const. 42). A busca contínua da conversão evita acomodações, rigidez, fechamento e fortalece o nosso sentido de pertença e fidelidade ao carisma e à missão: “a contínua conversão, que decorre da total entrega a Deus, aumenta a disponibilidade para o serviço dos outros” (Const. 54).

### ***Contra-testemunhos que enfraquecem a esperança***

Embora seja doloroso, é necessário tocar nessas realidades com humildade e sinceridade evangélicas. Se desejamos refletir sobre a esperança que sustenta a nossa vocação, não podemos ignorar as realidades que obscurecem o nosso carisma e enfraquecem a nossa pregação. Reconhecer estas “sombras” não significa negar a ação de Deus em nossa vida, mas permitir que o seu Espírito nos conduza à conversão.

---

<sup>1</sup> MENDONÇA, José Tolentino. *Elogio da sede*. São Paulo: Paulinas, 2018, p. 146.

Precisamos olhar para nós mesmos, com honestidade, em busca de reencontrar o vigor da missão sem perder a esperança.

Entre os sinais que enfraquecem o nosso testemunho missionário estão a acomodação e a rigidez. Acomodação quando perdemos o ardor missionário, a vocação se reduz à busca de segurança pessoal; a rigidez se manifesta no fechamento ao diálogo, às mudanças necessárias, ao discernimento pessoal e comunitário. A Palavra de Deus nos chama à liberdade interior e à renovação do coração (cf. Rm 12,2). Também não podemos ignorar nossas fragilidades relacionadas ao dinheiro, ao poder e ao prazer. Essas dimensões são profundamente humanas, mas quando não são iluminadas pelo Evangelho, podem gerar divisão, causar feridas, disputas internas, incoerências. Um outro desafio é o “envelhecimento precoce”. Este não tem a ver com a idade e sim com o cansaço interior que enfraquece a esperança e reduz a paixão pela missão. Há quem não seja mais capaz de se entusiasmar com a missão e acreditar no futuro.

Tomar consciência dessas sombras não é um caminho de pessimismo e nem desânimo. Antes, reconhecer estas fragilidades torna-se uma oportunidade de purificação, de amadurecimento e recomeço. Como homens de fé, sabemos que Deus continua agindo mesmo em meio às fragilidades: “temos este tesouro em vasos de barro” (2Cor 4,7). A coragem de reconhecer nossas sombras e fragilidades torna-se lugar da misericórdia de Deus.

### ***A força do Espírito reaviva a nossa esperança***

Ao concluir esta reflexão, reafirmamos, com serenidade e confiança, que a nossa esperança não está perdida. Ao contrário, olhemos para nossa vocação à luz da Palavra de Deus que nos sustenta e anima: “a esperança não engana, porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5,5). Afinal, nossa esperança não se fundamenta na perfeição das pessoas e nem na ausência de limites, mas na fidelidade de Deus, que continua agindo na história e renovando sua Igreja através da força do Espírito Santo.

Não nos esqueçamos, nossa vida não é feita apenas de fragilidades. Ela é também marcada por inúmeras virtudes, às vezes, silenciosas, por testemunhos de fidelidade, por vidas doadas, por comunidades simples e missionárias, por homens que continuam oferecendo sua existência com amor, generosidade e perseverança. Há ainda muita santidade escondida no cotidiano de nossas frentes de missão, muito serviço humilde, muita compaixão concreta e muita esperança semeada junto ao povo. Há testemunho de homens apaixonados por Cristo, comprometidos com os pobres e disponíveis para a missão. Isto é sinal fecundo de que o Espírito continua sustentando a vocação e fazendo nascer vida nova mesmo em tempos de dificuldades.

O futuro da esperança de nossa consagração dependerá, em grande parte, da capacidade de reconstruirmos relações verdadeiramente evangélicas em nossas comunidades religiosas para além da mera afinidade ou a falta dela. Precisamos

reaprender diariamente a construir fraternidade, escuta, cuidado mútuo, simplicidade e convivência saudável. Somos chamados a ser sinais do Reino através da acolhida, da reconciliação e da comunhão fraterna que integra forças e fragilidades, virtudes e pecados presentes em cada irmão. A corresponsabilidade missionária exige que caminhemos juntos, superando isolamentos, divisões e autorreferencialismos.

O futuro da nossa esperança nasce da fidelidade criativa ao carisma recebido, sustentada por uma profunda experiência mística. Somente uma vida enraizada em Deus poderá permanecer profética. Precisamos voltar continuamente ao essencial: à centralidade de Jesus Redentor, à paixão pelo seu Reino de Deus, ao amor pelos pobres e abandonados, à conversão permanente e à coragem de deixar-nos conduzir pelo Espírito. A missão continuará fecunda enquanto brotar de corações verdadeiramente configurados a Cristo, capazes de viver a misericórdia, a simplicidade e o serviço humilde. Por isso, mesmo diante de algumas incertezas, façamos ao Senhor uma prece confiante: Deus, não deixai que nos roubem a esperança!

Que Maria, mulher da esperança e da fidelidade, nos acompanhe sempre, e que o Espírito Santo reacenda em nós a paixão pelo Evangelho e a coragem de continuar a missão.

Fraternalmente,

*Pe. João Paulo Santos de Souza, C.Ss.R.*  
**Pe. João Paulo Santos de Souza, C. Ss. R.**  
*Superior Provincial*

Brasília – DF, 13 de maio de 2026, A. D.  
*Memória da Bem-aventurada Virgem Maria de Fátima*  
*Memória da Beata Maria da Conceição (Conchita) Barrecheguren García*



## COMUNICADOS

### *Memória Agradecida*

Na noite de domingo 10/05/2026 fez a sua Páscoa definitiva nosso confrade **Pe. Tomé Reynolds, C. Ss. R.**, após uma vida inteiramente dedicada à missão evangelizadora da Congregação do Santíssimo Redentor. Nascido na Irlanda, religioso professo desde 24 de setembro de 1956 e ordenado presbítero em 20 de outubro de 1963, Pe. Tomé marcou sua trajetória missionária no Brasil pelo testemunho de simplicidade, acolhida e escuta e dedicação pastoral, especialmente junto aos mais pobres e abandonados. Seu legado permanecerá vivo na memória agradecida de todos que foram alcançados por sua presença discreta, gentil e profundamente humana.

### *Transferências*

Em espírito de comunhão e discernimento, comunicamos que foram realizadas algumas transferências de membros entre comunidades. As transferências visam, antes de tudo, o bem da missão e o fortalecimento das relações fraternas. Reconhecemos que cada transferência implica desafios, mas também representa uma oportunidade de renovação, serviço e crescimento na vivência do nosso carisma.

Pedimos que as comunidades recebam cada irmão com fraternidade e apoio, favorecendo sua integração na missão.

*Comunidade Redentorista Pe. Carlos Donker (Campina Grande – PB)*  
Pe. Antônio Alexandre Ferreira Pontes (Vigário Paroquial)

*Comunidade Redentorista Vocacional Pe. Antonino (Arapiraca – AL)*  
Pe. Ruberlan Silva Santos (Co-Formador e Vigário Paroquial)

*Comunidade Redentorista São Clemente (Natal – RN)*  
Pe. Francisco Antônio Barbosa da Silva (Vigário Paroquial)

*Comunidade Redentorista São Clemente (Goiânia – GO)*  
Pe. Carlos Soares de Souza

*Comunidade Redentorista Beato Victoriano Calvo (Araguaína – TO)*  
Diác. Francisco das Chagas Ferreira de Sousa

Agradecemos, desde já, a disponibilidade generosa dos irmãos que acolhem essa nova etapa com espírito de caridade e missão. Esse gesto aponta para a virtude da abnegação própria de um missionário redentorista, sinal concreto de entrega e fidelidade ao chamado recebido.

### *Nomeação de Superiores Locais*



Em razão das transferências dos confrades que exerciam o ofício de Superior Local em suas respectivas comunidades, o Governo Provincial nomeia os seguintes confrades como novos Superiores Locais:

*Comunidade Redentorista São Clemente (Natal – RN)*

Pe. Carlos Alberto Holanda Martins

*Comunidade Redentorista Ir. Marcel Van (São Luís – MA)*

Pe. Érick Hernanny de Oliveira Albuquerque

*Comunidade Redentorista Beato Victoriano Calvo (Araguaína – TO)*

Pe. Cícero de Souza Silva

Agradecemos aos confrades pela disponibilidade e pedimos a luz do Espírito Santo no exercício dessa missão.